

HISTÓRIA DE UNA MAESTRA

RECENSÃO

Autora: JOSEFINA ALDECOA

Editora:, Ed. Santillana Ediciones Generales, SL, Madrid;

1ª ed. Janeiro de 2007, 2ª ed. Fevereiro de 2007, 3ªed. Abril de 2007, 4ª ed. Janeiro de 2008, 5ª ed. Janeiro de 2009, 237 pp.

Josefina Aldecoa nasceu em 1926, León,¹ Espanha. Depois de ter estudado Filosofia e Letras na Universidade de Madrid, doutorou-se em Pedagogia nesta mesma universidade. Seguiu a carreira do professorado (ensino primário e ensino de adultos) e fundou em 1959 o colégio “Estilo” na capital espanhola, inspirando-se na pedagogia do *Instituto de Libre Enseñanza (I.L.E.)* e na de várias escolas inglesas e norte-americanas para onde a levou a sua curiosidade e interesses pedagógicos.

É autora de uma vasta bibliografia em que a *História de una Maestra* compõe com “*Mujeres de Negro*” e “*La Fuerza del Destino*”, publicadas respectivamente em 1994 e 1997, uma interessante trilogia.

Hoje [2009] com 83 anos mantém actividade de carácter pedagógico, leccionando no colégio que fundou, participando em conferências, concedendo entrevistas entre as quais a de 18 de Maio de 2009 (Consumer Eroska). Alegre e enérgica afirma textualmente: “*Tengo 80 años e todos los dias me levanto para ir al colégio*”. Questionada acerca da sua actividade de professora que cumula com a de escritora responde de um modo que deveria fazer pensar as autoridades que actualmente detêm o poder oficial na condução da educação nacional: “*No puedo renunciar a la enseñanza, me da vitalidad. Me liga a la sociedad, a la sabia nueva. Me estimula al dia a dia. Me gusta de tener la obligación de acudir a las aulas. Tener la oportunidad de relacionarme con los padres y las madres, con el professorado y con los alumnos. La literatura, en cambio es un trabajo solitário. Escojo el verano, que lo tengo de maestra y por lo tanto es largo, y lo dedico a ordenar todas las notas que he ido apuntando durante el curso y pueden terminar siendo una novela o un cuento. O nada.*”

¹ Morreu em 2011, na Cantábria.

Eis a constatação da importância do tempo e do silêncio indispensáveis a quem se dedica ao ensino/educação. Tempo disponível para a actualização e assimilação de saberes, para o contacto com bibliografias, preparação de aulas, registo de notas criativas derivadas da atenção dispensada à variabilidade humana que cada hora de aula, cada encontro furtivo suscita a quem tem diante de si tantos rostos carregados de história, rostos que enfrentam a difícil e necessária tarefa de aprender, em que o esforço é mister para desencantar o gosto de tornar seu o que até então era desconhecido e desapercibido. O Silêncio que permite criar o mundo próprio e dá espaço à conquista da identidade pessoal sem a qual não é possível o diálogo com os outros, essencial na relação pedagógica. As orientações hodiernas que emanam dos Ministérios da Educação parecem esquecer várias coisas. Entre estas a de que a actividade pedagógica não cabe dentro da esfera da burocracia, e que é, pela sua específica natureza de criação, atenção e transmissão, uma festa e um sofrimento. O gosto da descoberta de quem ensina o que ensina e a possibilidade da fecundação do que se ensina e do que se é, é uma Ode à Alegria; a incompreensão que toda a relação comporta e que mina o esforço nem sempre eficaz para a derrotar é angústia que se abate sobre o professor muitas vezes de um modo irreparável. A par disto os Ministérios tutelares da Educação, ao esquecerem o Tempo e o Silêncio indispensáveis para o crescimento dos professores, não olham para os professores como seres vivos que além da sua profissão têm múltiplos aspectos pessoais a que cumpre dar atenção, sem os quais não são seres vivos conseguindo ser apenas meros burocratas, esfalfados na corrida para não perderem os lugares que lhes asseguram a subsistência.

A *História de una Maestra*, cronologicamente, situa-se principalmente na 2ª República espanhola; geograficamente, na região das Astúrias, depois de uma breve incursão na África equatorial espanhola ainda no tempo de Afonso XIII. Escrito como se de uma biografia se tratasse, a sua principal protagonista é uma rapariga recém licenciada no curso que lhe dá acesso ao ensino oficial primário, e que vai dando os passos que a levam à adultez e à maturidade, assumindo as responsabilidades do casamento, da maternidade e dos alunos que lhe cabem em sorte, imbuída da ideologia pedagógica do I.L.E. que tem a acção educativa como uma “missão”.

A corrente pedagógica que a inspira decorre do krausismo (filosofia de Carl Friedrich Krause, de grande repercussão na Espanha nos finais do século XIX e princípios do século XX) iniciada por Francisco Giner de los Rios por volta de

1876 com um grupo de catedráticos afastados da Universidade de Madrid pela defesa que faziam da liberdade da cátedra e por recusarem ajustar os seus ensinamentos pelos dogmas oficiais em matéria religiosa, política e moral. Por isso viram-se obrigados a prosseguir o seu trabalho educativo à margem do Estado criando um estabelecimento escolar privado laico, centrado na criatividade, na coeducação e nas orientações da escola a que se convencionou chamar a *Educação Nova* (Montessori, Dewey, etc.): o *Instituto de Libre Enseñanza* que formou várias gerações espanholas. Dele decorreram o *Boletín de Libre Enseñanza* em que escreveu um escol de pensadores espanhóis e estrangeiros que introduziram em Espanha a modernidade e as vanguardas, uma rede de institutos a ele associados, a *Residência de Estudiantes de Madrid*, universidades de verão, missões pedagógicas, entre outras actividades. Este esforço de renovação da cultura e da mentalidade espanholas encontrou terreno propício na 2ª República, mas foi interrompido em 1936 pela guerra civil.

A trama deste romance decorre em dois planos paralelos: a alvorada de uma vida individual e a alvorada da 2ª República espanhola. Enquanto uma se vai afirmando pela capacidade de dialogar com a sua consciência, modelando-a, integrando as experiências vitais e assim salvando a sua personalidade, a 2ª vai-se esboroando no processo contrário à integração que é a revolução.

Começa por referir a transmissão que a mãe lhe fizera da sua experiência como professora procurando por seu turno passar a sua à própria filha, professora como ambas. Há assim uma cadeia de entrega de vidas pessoais, na vivência de uma tradição envolta num halo afectivo que marca o estilo da narrativa, simples, directo, revelador das esperanças, alegrias, angústias, tristezas, perplexidades de que é tecida uma vida, ela também vocacionada para a tarefa do ensino, que neste caso concreto a leva para cenários de culturas tão diferentes da que experimentara e a que ela se adapta, num esforço criador de compreensão, partilha e aprendizagem.

Mas o que ressalta na narrativa em que este livro consiste é a capacidade que a Autora demonstra de assumir a sua vida passo a passo interpretando reflectidamente a realidade nas suas conexões com o timbre da compreensão *diltheyana*, longe de qualquer egocentrismo ou individualismo. O apreço pela Natureza, pela realidade dos Outros, sejam eles o seu próprio marido (admirável o modo de narrar em forma de diálogo simples o encontro entre as visões do mundo de ambos e que lhe dão a certeza de ser aquele homem o

companheiro que quer para si), os alunos, os colegas, os vizinhos, os personagens calados ou proeminentes das terras em que vive – uns com laivos de “modernidade” outros presos aos hábitos do “ter” e do “ser” – preenche a sua vida em que late a vocação da educação respeitosa aprendida na pedagogia do *Instituto de Libre Enseñanza*, mas que pratica sem militância, dando espaço ao imprevisto dos outros e ao das situações, mantendo o propósito de instruir e consciencializar as potencialidades que permitirão a conquista da autonomia dos destinos individuais. Dentro e fora das aulas, a sua vida é pensada e justificada em função da realidade radical que é precisamente a vida pessoal, realidade onde todas as demais realidades se prendem e que por isso mesmo se inter-relacionam. Que melhor programa para os dias de hoje, em que o efêmero e a pressa nos desorientam e afastam do valor que a vida pessoal é e nos levam a desperdiçá-la, do que ler este pequeno-grande livro?

A vida nem sempre lhe correu bem, várias vezes se apresentou surgindo como madrasta, mas na sua pena sentida e cansada não há a revelação de desistência nem de revolta, apenas o respeito pela Vida Individual encarada responsabilmente.

Este livro, de tão poucas páginas, em que não se narram experiências pedagógicas nem se debitam teorias, apenas se conta uma vida pessoal que revela uma prática pedagógica autêntica: a atenção à vida própria e à dos outros naquele sentido de quem ninguém pode dar o que não tem. Esta Maestra por saber educar-se a si própria, pôde educar os outros numa relação de contiguidade e exemplo. Por esta razão e pela beleza da escrita que tal como a vida que descreve, não tem artifícios, apenas se subordina ao pensar a vida, vale a pena abrir e ler este livro.

Maria Teresa Pimenta

2009